

*Com sua rara habilidade em pousar o avião no flanco de uma montanha, Hermann Geiger iniciou um serviço de salvamento aéreo quase inacreditável*

## PILÔTO DAS MONTANHAS

*Edwin Muller*

**D**ECOLAMOS no “teco-teco” de uma pista em Sion, na Suíça, e subimos descrevendo círculos sôbre o vale do Ródano. Quando atingimos altitude suficiente, começamos a subir um dos estreitos vales laterais que descem do sul.

Em pouco tempo podíamos ver o nosso objetivo: os Alpes Valesianos, aquela enorme massa de neve, gelo e granito, o mais grandioso panorama da Europa. Ao chegarmos mais perto eu me debrucei sôbre os ombros do piloto, Hermann Geiger, e conferimos alguns dos picos; a cúpola dilatada e branca do Breithorn, a prêsanegra do Matterhorn, as linhas etéreas e delicadas do Dent Blanche.

Em outras ocasiões eu tinha percorrido a pé o vale lá em baixo, onde os grandes picos se inclinam sôbre o caminhante. Eu escalara alguns dêles. Mas era melhor olhá-los de cima. Assim se tem ao mesmo tempo o sentido da altura e da profundidade. Lá embaixo as vilas e chalés pareciam pequenas casas de bonecas. No entanto, os cimos pareciam remotos no céu. Mes-



mo quando o nosso altímetro marcava 3.300 metros, os picos mais altos ainda estavam uns mil a mil e duzentos metros acima de nós.

Passamos perto da imponente muralha oeste do Dent Blanche com os seus milhares de metros de neve e gêlo e precipícios de rocha a prumo. Em um ponto da fachada íngreme de pedra havia uma plataforma cuja superfície de neve teria uns 50 metros por 20. A parte inferior curvava-se gradualmente e cada vez mais, até terminar em um precipício. Era ali, disse Geiger, que íamos pousar. Refleti que um tecoteco em geral requer uns 200 metros de superfície plana para pousar ou levantar vôo.

Sobrevoamos a plataforma para um lado e para outro. Inclinando-se para fora do aparelho, Geiger estudou meticulosamente a superfície da plataforma. Depois afastou-se da montanha e voou quase um quilômetro, perdendo altitude. Em seguida voltou e rumou direto para a muralha.

Quando íamos chegando à muralha êle levantou o nariz do avião. Os esquis tocaram o chão em um ponto onde a inclinação era de uns 25 graus. Com um chiado e um cascalhar de neve, subimos a beirada da plataforma e fomos perdendo velocidade rapidamente na subida. Paramos finalmente na parte plana— a menos de dez metros do penhasco.

Desembarcamos e olhamos em volta. Quando subimos uma montanha a pé habituamo-nos aos poucos à

transição do vale para as alturas. Mas o que estávamos fazendo era mais interessante. Meia hora antes encontravamo-nos nas ruas de uma cidade; agora, naquele refúgio de águias, estávamos afastados do mundo dos homens.

A decolagem foi um feito inesquecível. Agarramos a cauda do avião e viramo-lo de frente para o precipício, entramos e deslizamos pela plataforma abaixo—e despençamo-nos no espaço. Realizávamos o sonho infantil de mergulhar no espaço.

Fizemos outras aterragens: uma na vasta superfície de uma geleira, onde o grande problema era evitar as profundezas azuis das fendas; outra num diminuto campo de neve para visitar o guarda de uma cabana de alpinistas a seis horas de subida do vale, a pé. Fomos ver de perto o Matterhorn, sobrevoando a face leste de gêlo brilhante. Tudo isso fazia parte do trabalho de Geiger. Êle procurava dois escaladores que haviam caído no dia anterior. Não encontramos sinal dêles.

Finalmente voltamos à pista de Sion. Em várias ocasiões no decorrer da manhã eu tinha me sentido um tanto receoso. Mas não havia motivo. Aliás, eu estava mais seguro do que se tivesse passado a manhã enfrentando o tráfego numa grande metrópole qualquer.

Nos últimos três anos Hermann Geiger fez mais de 5.000 dêsses pousos em flancos de altas montanhas sem nenhum acidente. Êle o úni-

co homem no mundo que consegue fazê-lo. Quando começou êsse trabalho, antes de cada viagem sua mãe ia para a igreja interceder por êle junto aos santos; hoje ela costuma acompanhá-lo uma vez ou outra—como fazem sua mulher e seu filhinho.

Geiger não é nenhum pilôto maluco. Podia-se tomá-lo por um guia suíço. Com seus quarenta e poucos anos, ombros largos e o rosto curtido pelos ventos, êle tem o olhar claro e firme dos homens que passam a vida ao ar livre nas altas montanhas.

O seu trabalho, em parte, é salvar vítimas de acidentes de alpinismo. Quando um escalador cai e não morre, o salvamento é difícil. Êle pode ter fraturado ossos e sofrido lesões internas. Movê-lo é perigoso—e no entanto êle precisa ser levado sem perda de tempo à assistência médica, o que significa passar com êle por desfiladeiros perigosos, cuja escalada levaria horas. Se Geiger puder apanhá-la, a vítima poderá estar no hospital em meia hora.

Geiger já salvou mais de 300 vítimas de acidentes de esqui e alpinismo. E já salvou vidas com o transporte de víveres e medicamentos a povoados remotos, isolados por avalanchas.

Grande parte do seu trabalho é, porém, de natureza mais prosaica: abastecer de víveres, cobertores e combustível as cabanas dos alpinistas. Existe grande número dessas cabanas espalhadas pelos altos Alpes. Em

uma hora Geiger pode fazer um trabalho que exigiria uma tropa de mulas e seus condutores, e o espaço de dois dias.

Quando não está em serviço de abastecimento, Geiger raramente se afasta muito do telefone em Sion. Em uma manhã de primavera o telefone tocou cedo: “Avalancha no Monte Calmo. Venha depressa.”

Em 20 minutos Geiger estava no local: um desfiladeiro comprido e íngreme, coberto de neve. A meio caminho da descida passava a trilha da avalanche, uma massa revolvida de blocos de neve de 350 metros de comprimento por 220 de largura. Marcas de esquis entravam por um lado do desabamento, mas não havia riscos correspondentes do outro lado. Geiger circulou por cima e encontrou uma pequena área de neve plana suficiente para pousar. Uma turma de busca disse-lhe que 12 esquiadores, ao atravessarem o declive, foram surpreendidos e engolfados por uma ruidosa cascata de neve.

Todos os 12 foram encontrados; 10 dêles vivos mas cinco feridos. Em viagens sucessivas Geiger desceu com êles.

Geiger nunca se arrisca—a não ser quando há uma vida em perigo. Quando lhe telefonaram dizendo que houvera um acidente com alpinistas no alto do Monte Rosa, êle olhou pela janela e ponderou que não poderia voar com aquêle tempo.

—Mas é preciso. O homem está muito ferido.

No vale do Ródano o teto era

de 150 metros. Chovia e nevava. Geiger levantou vôo, rumou para a entrada do estreito vale de Zermatt, que leva ao Monte Rosa. Não havia visibilidade laguma.

Geiger sobrevoou a região até que uma nesga azul se abriu no teto—e êle entrou por ela.

A 5.000 metros, sôbre um mar contínuo de nuvens, êle voou em amplos círculos, deduzindo a posição. Sabia que logo abaixo do chão de nuvens ficavam os grandes picos. Finalmente, reconheceu uma sombra: era o Weisshorn. Fixada a posição, rumou para onde sabia que devia estar o Monte Rosa, circulou pacientemente até que divisou uma abertura—e mergulhou. Em baixo, ao lado da cabana, um guia segurava uma picareta de gelo com um lenço atado à ponta para indicar a direção do vento. Geiger pousou.

A volta com o ferido foi um pesadelo. Geiger manteve-se abaixo do teto. Durante tôda a descida pelo vale estreito e sinuoso êle quase nunca voou a mais de 15 metros do chão; às vêzes parecia que as extremidades das asas roçavam pelas paredes de granito de cada lado.

Foi com satisfação que êle avistou afinal a pista de pouso de Sion.

Voando um dia sôbre a Geleira de Kander, Geiger viu um homem sentado na neve em posição curiosa. Ao lado havia um buraco escuro. Geiger pousou para ver o que estava acontecendo.

Tratava-se de um guia que vinha atravessando a geleira com dois turistas, marido e mulher. Os três iam amarrados. De repente, o casal desapareceu. Onde êles tinham pisado estava aquêle buraco redondo e escuro. O guia tinha sido jogado no chão, mas, fincando com fôrça a picareta na neve dura, conseguira firmar-se. E alí estava êle, à beira de uma fenda profunda, sustentando o pêso de duas pessoas e sem meio de içá-las. Geiger e o guia lentamente puxaram para cima o casal, que não estava gravemente ferido.

Muita gente pergunta por que as operações de salvamento feitas por Geiger, bem assim o seu trabalho regular de abastecimento das cabanas, não poderia ser feito melhor com um helicóptero. Em alguns casos talvez pudesse. Mas o helicóptero tem teto baixo e não pode subir entre os picos de 4.500 metros; e também não pode pousar em um declive. E um helicóptero custa mais em operação do que um aviãozinho teco-teco. O frete em um teco-teco pode sair mais barato do que em lombo de burro.

Até agora Geiger tem tido monopólio do seu serviço. Atualmente, porém, êle mesmo está procurando quebrar o monopólio. No avião de comando duplo, êle está ensinando sua técnica a outros. E entre seus alunos têm-se contado pilotos da Fôrça Aérea Suíça, bem como avia- dores de outros países.

